



**ENVELHECER NA CONDIÇÃO DE MULHER: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE  
CORPO E SEXUALIDADE**

Maria das Graças Melo FERNANDES<sup>1</sup>

**RESUMO**

As mulheres, ao envelhecer, em geral, são neutralizadas sexualmente pela mensagem de que, na velhice, a sensualidade, a feminilidade e a expressão corporal são inconvenientes, prejudicando sua qualidade de vida. Considerando a importância da análise dessa questão, este artigo discute, a partir do enfoque de gênero como categoria analítica, algumas dimensões do envelhecimento feminino, particularmente a sexualidade e o sentimento de corpo.

Palavras-chave: Envelhecimento. Corpo. Sexualidade.

**TO AGE IN WOMAN'S CONDITION:** some reflections about the body and sexuality.

**ABSTRACT**

The women, when aging, in general, are neutralized sexually by the message that, in the old age, the sexuality, the femininity and the corporal expression are inconvenient, harming her life quality. Considering the importance of the analysis of that subject, this article discusses, starting from the gender focus as analytical category, some dimensions of the human aging, particularly the sexuality and the body feeling.

Key-words: Aging. Body. Sexuality.

**INTRODUÇÃO**

Segundo o Censo demográfico de 2000, 55% do contingente populacional brasileiro com sessenta anos e mais é composto por mulheres. Entre os de idade superior a oitenta anos, essa proporção sobe para 60,1% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000). Apesar de as mulheres viverem mais tempo, elas envelhecem em piores condições. As desvantagens sofridas na sua vida profissional e familiar se acumulam ao longo de sua existência e se acentuam à medida que envelhecem no entanto, tal condição não possui a devida visibilidade social.

Assim sendo, o envelhecimento, em especial feminino, deve ser considerado dentre diversos fatores, muitos deles fortemente imbricados com as questões de gênero, tais como, a história pessoal; o contexto cultural, social, político e econômico; o desenvolvimento tecnológico e científico e outros que poderão interferir no modo de vida das pessoas.

Negreiros (2004) destaca que a geração mais velha de hoje experimentou, por mais tempo, relações de poder e também naturalizou mais intensamente noções sobre papéis masculino-feminino calcadas num modelo tradicional, no império do patriarcado, em que havia uma nítida fronteira entre a esfera pública (domínio masculino) e a privada (domínio feminino), ou seja, vivenciou uma assimetria relacional, principalmente no tocante à visão da sexualidade e da corporeidade, pois, nesse cenário, o ser mulher foi identificado principalmente com a dinâmica do amor materno, sendo o amor erótico e a sexualidade reprimidos e articulados ao sentimento de culpa, tendo mais reação que ação desejante.

---

<sup>1</sup> Enfermeira, professora adjunta do DEMCA/CCS/UFPB, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB.

Nesse contexto, a maturidade dessas mulheres, no geral, foi construída a partir de valores como a família de origem, o ideal de casamento e a constituição de suas próprias famílias, consagrada através do nascimento dos filhos. As mulheres solteiras e sem filhos também reafirmaram esses valores; entretanto, na impossibilidade de constituir suas próprias famílias, redirecionaram sua maturidade para cuidados com a família de origem (BASSIT, 2004).

Conforme verifica-se, as relações de gênero, como construções sociais de formas de dominação e subordinação, têm resultado, historicamente, em experiências e trajetórias sociais diferenciadas para homem e para mulher, particularmente para as mulheres idosas de hoje, as quais vivenciaram a expectativa obrigatória de uma “feminilidade” marcada pela obediência, pelo conformismo e pelas desigualdades, além de uma apropriação social do seu corpo expresso no controle familiar e na medicalização das funções reprodutivas.

Ante o exposto e dada a complexidade biopsicossocial do processo de envelhecimento feminino, este estudo traz como proposta discutir, a partir do enfoque de gênero como categoria analítica, algumas dimensões desse processo, tais como a questão da sexualidade e o sentimento de corpo.

## **Mulheres idosas e sexualidade**

Nos comportamentos sexuais dos indivíduos, as práticas, os relacionamentos e os significados estão enraizados no conjunto das experiências que constituem essas pessoas como seres sociais, dentro dos cenários culturais da sexualidade dominantes em suas respectivas sociedades. Diversos fatores contribuem para modelar essas experiências da sexualidade de maneira diferenciada de acordo com os grupos sociais: religiosidade, condições de vida, redes de sociabilidade, padrões de relação entre os sexos, usos do corpo e posição na estrutura social, além das experiências vivenciadas ao longo do curso de vida (BOZON, 2004).

As repercussões do processo de envelhecimento, sobre a sexualidade, constituem uma realidade particularmente contaminada por preconceitos. A crença na progressiva e generalizada incompetência assim como na impotência sexual dos idosos faz parte intrínseca destes preconceitos. Acudados entre as múltiplas exigências que as alterações do envelhecimento comportam, os indivíduos enfrentam dificuldades para preservar a identidade pessoal e a integridade de alguns papéis e funções, sobretudo aqueles relativos à sexualidade que a sociedade atentamente vigia e sanciona (VASCONCELOS, et al., 2004).

Segundo Waltz (2002), na sociedade contemporânea, os valores culturais orientados para a juventude tendem a depreciar os indivíduos idosos em termos de sua aptidão e atração sexual, particularmente as mulheres. Nos casos em que o indivíduo envelhecido interioriza esses valores culturais, manifestações de sensualidade podem ser reprimidas com vista à possibilidade destas deslizarem insidiosamente para o desapontamento e para a frustração. Este recalçamento (inconsciente) ou supressão (pré-consciente) evita que ele enfrente o conflito entre suas pulsões e a norma social, conflito que ataca a sua auto-estima.

Ao analisar esta renúncia à sexualidade por parte dos idosos, mais fortemente por parte das mulheres, Vasconcelos et al. (2004) tentam explicá-la a partir dos pressupostos da teoria psicossociológica dos *scripts* de Gagnon e Simon e da teoria psicanalista proposta por Freud, sobre as quais discorreremos no tópico que se segue.

A teoria psicosociológica dos *script* explica a ligação direta entre os papéis culturais atribuídos aos indivíduos segundo seu status social (inclusive faixa etária e gênero) e os *scripts* intrapsíquicos que permitem aos indivíduos reconhecer e reagir a circunstâncias sexualmente excitantes dentro de um contexto socialmente significativo, positivamente valorizado. A cultura ocidental atribui um *scripts* sexual negativo à mulher idosa, apesar de ela se recusar a assumi-lo.

Por outro lado, a teoria psicanalítica explica como a clivagem entre a ternura e a sensualidade é reativada neste período tardio da vida de maneira mais insidiosa. Vovós são anjos da guarda com um corpo diáfano liberado de todo traço de sensualidade. Esta fábula deve ser preservada a todo custo; se preciso for, sob o controle dos filhos que se tornam, por sua vez, guardiões do recalçamento (ou da supressão).

Conforme Frainlan (1994), Vitello (1996), entre outros, os mitos sobre a velhice assexuada são freqüentes em nossa sociedade que, sob uma forte influencia religiosa cristã, aprendeu a associar as expressões da sexualidade a sentimentos de culpa e vergonha. No entanto, verifica-se que, apesar de alterações no processo de envelhecimento, o ciclo de resposta sexual, ou seja a libido e a capacidade orgástica não se modificam, principalmente se a mulher idosa desfrutar de bom estado de saúde, a despeito da diminuição de sua freqüência, reconhecida empiricamente.

Corroborando essa assertiva, Ferrigno (1998, p.15) ressalta que “contrariamente a crenças muito difundidas, a sexualidade não se extingue necessariamente com a velhice.” O que não há mais é a “premência da descarga do orgasmo, não mais as sensações eróticas concentradas apenas nos genitais, mas, sim, a erotização plena de toda a epiderme, sexo de corpo inteiro.” Nesse contexto, as mulheres apresentam menores dificuldades quanto à vida sexual na velhice, já que a sexualidade delas sempre foi menos localizada.

Cabe destacar que a regularidade das relações sexuais das mulheres idosas está muito ligada à oportunidade representada pela situação conjugal. Ao analisar essa questão, Brigeiro (2000) discorre que a diminuição da atividade sexual das mulheres na velhice é associada ao surgimento de doenças dos seus cônjuges, ao desinteresse destes e também à sobremortalidade masculina.

Considerando que elas representam maior quântico entre os idosos (principalmente as viúvas), a primeira consequência deste dado objetivo para suas vidas é a limitação das oportunidades de relações sexualizadas, sendo poucas as que têm chance de reconstruir uma vida afetivo-sexual, pois a preferência masculina (tanto dos mais jovens, como dos mais velhos) é pelas mulheres mais jovens.

As razões apontadas para esse fato são diversas: desde o cheiro da fêmea em fase de produção hormonal intensa, até valor erótico de estimulação estética, ou mesmo o uso emblemático da beleza e juventude que os mais poderosos fazem, em nome da vaidade. O fato é que a mulher mais velha perde o *status* de objeto de desejo, e suas oportunidades de intimidade sexual ficam muito limitadas (NEGREIROS, 2004).

Motta (2004) relativiza o impacto negativo da viuvez para a vivência da sexualidade por parte das mulheres idosas ao referir que, especialmente em sociedades menos complexas, naquelas onde a mulher tem sido subordinada a partir das regulações primeiras da sua capacidade reprodutiva, a viuvez na velhice permite-lhe alcançar uma posição mais livre e mais pública, por vezes equivalente à dos homens, o que favorece a manutenção ou o incremento das relações afetivas.

Pensando nos diferentes aspectos pontuados ao longo deste escrito, ressaltamos que não há um limite temporal para a velhice entrar em cena e varrer os prazeres sensoriais, incluindo o sexual. Há variações individuais significativas. As experiências prévias do homem e da mulher são determinantes de sua sexualidade ao envelhecer. Se, ao longo da vida, sentiu

vergonha de exercer a criatividade e a espontaneidade no âmbito sexual, a tendência é aumentar a inibição, temer fracassar (no caso masculino) ou não agradar (no feminino).

Além disso, a velhice e o sentir-se velha são associados, em geral, à imagem do corpo e às suas modificações externas (levantando a questão estética) e internas (referente ao declínio de funções orgânicas). Desse modo, o corpo da mulher idosa tende a ser percebido como feio e frágil, favorecendo sentimentos que podem interferir na vivência de sua sexualidade. A sensação é de encontrar nelas corpos classificatoriamente naturais, simbolicamente descorporificados e pouco expressivos (MOTTA, 2002). Considerando a importância das vivências sociais e culturais inscritas no corpo feminino, especialmente ao envelhecer, discorreremos a seguir algumas reflexões sobre esse tópico.

### **O corpo feminino envelhecido**

O processo de envelhecimento do corpo é peculiar à individualidade de cada ser e acontece pela ação do tempo. Para além do que somos capazes de aprender do corpo físico, fazemos uma construção imaginária desse corpo, o que fundamenta o processo das identificações ao longo da nossa vida (SATHLER, 1994).

Conforme Rodrigues (1986), o corpo contém, de forma indissociável, as dimensões orgânica e social do homem, domínio respectivo da natureza e da cultura. Ele, enquanto socialmente concebido, constitui uma via de acesso à estrutura de uma sociedade, uma vez que a ele se aplicam as crenças e sentimentos de seus membros.

No entendimento de Bordo (1997), o corpo pode ser compreendido tanto como agente da cultura, quanto como lugar prático de controle social. O corpo das mulheres, enfatiza a autora, nunca foi tão disciplinado e normatizado quanto nos dias atuais. O tempo dispendido na busca de um ideal de feminilidade evanescente, homogeneizante, sempre em mutação, exige uma busca incessante, tornando os corpos femininos no que Foucault chama de “corpos dóceis”; aqueles cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao aperfeiçoamento.

Segundo Natansohn (2005), quando se fala das mulheres e para as mulheres, o discurso sobre a corporalidade parece tomar rumos precisos: o corpo parece a âncora da mulher no mundo, sua razão de ser, para si mesmo e para o outro. Nesse contexto, a idéia da passagem do tempo e seus rastros, os cabelos grisalhos e as rugas visíveis no seu rosto remetem à representação do ser velha e à temida condição de mulher velha, pelo significado estereotipado, histórico e contemporâneo que essa condição traduz (CABRAL, 2005).

Por essa lógica, nascem os determinantes de formas de discriminação social, em que o corpo, que já não atende as especificações da juventude, tende a ser excluído. Trazendo essa realidade para a perspectiva do feminino, Campos (2006) salienta que os estereótipos negativos associados ao envelhecimento têm um maior impacto sobre a mulher, justamente pela avaliação depreciativa do seu corpo.

Em culturas em que o tempo necessita ser constantemente diluído (o passado, o presente e o futuro são esferas que não se interpenetram), considera-se como modelo de envelhecimento bem sucedido aquele que é manifesto pelos corpos que desenvolveram a capacidade de camuflar o máximo possível todo sinal ou vestígio que esta cultura quer ver eliminado ou esquecido (TRENCH, 2004).

Segundo Motta (2002), o corpo dos idosos é o corpo diferente, comparado – em desvantagem – com o modelo de corpo e beleza jovens vigente na sociedade, do traçado da trajetória cronológica, o que pode interferir nas suas relações sociais.

Como afirma Ferreira (1995, p.229), “é no campo relacional que se estabelecem os limites entre juventude e velhice [...]. Pensar-se a si próprio, é na velhice, um duplo exercício, pois a medida que o sujeito se define, o faz por contraste com o outro.” Inclusive com aquele outro que é o seu eu jovem.

Ampliando essa análise, Goldfarb (1998, p.53) ressalta:

o velho é sempre o outro em que não nos reconhecemos. A imagem da velhice parece sempre estar ‘fora’, do outro lado e, embora saibamos que ‘aquela’ é nossa imagem, produz-nos uma impressão de inquietante estranheza, o apavorante ligado ao familiar. Apavorante porque a imagem do espelho não corresponde mais à imagem da memória; a imagem do espelho antecipa ou confirma a velhice, enquanto a imagem da memória quer ser uma imagem idealizada que remeta à familiaridade do Eu especular.

Motta (2002) salienta que a vida é curta, e as mudanças corporais se processam rapidamente; há sempre um sentimento de brusquidão na (auto) percepção do envelhecimento, especialmente na mulher em razão da antiga, recorrente e persistente relação estabelecida entre mulher-beleza-juventude.

Cabe destacar que o envelhecimento não se processa de modo homogêneo – nem cronológico, nem física, nem emocionalmente. Há sempre partes, órgãos, ou funções do corpo que se mantêm muito mais jovens; “a velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações.” (DEBERT, 1988, p.62).

No âmbito do feminino, na nossa cultura, o desequilíbrio hormonal e o fim do ciclo reprodutivo historicamente foram considerados a porta de entrada para a construção do envelhecimento das mulheres, para a retirada dos encantos de sua beleza corporal e, ainda, para o declínio de sua sexualidade. Até as próprias idosas entram nesse *ageism*, embora, atualmente, cada vez mais resistam a ele.

Para Gullette (1997), o discurso sobre a menopausa é reducionista, machista e preconceituoso: reducionista, porque atrela a concepção da maturidade feminina apenas à cessação da menstruação, ou seja, só os aspectos biológicos são considerados para caracterizar as mulheres na maturidade; machista, porque os horrores da menopausa são só para as mulheres, o que, de certa forma, acaba sendo fator de discriminação das mulheres por parte dos homens; preconceituosos, porque aparece quando as mulheres podem estar independentes, atraentes, ricas e ganhando poder na sociedade.

Considerando isso, Gullette (1997) nos convida para dar início a um combate cultural para rebater esse tipo de entendimento sobre a menopausa, como também para construir nosso próprio mito, ou ficção cultural sobre a maturidade feminina, ultrapassando a percepção do envelhecimento como uma experiência atrelada somente ao domínio do corpo, verificada especialmente no discurso médico-farmacêutico (olhar naturalista) que, ao apregoar a medicalização dos corpos femininos, acaba reduzindo sua subjetividade à prescrição incondicional de terapia de reposição hormonal. Essa perspectiva de corpo urge ser ultrapassada. Segundo Goellner (2003), um corpo não é apenas um corpo, mas também o seu entorno, ou seja, não são as semelhanças biológicas que definem, mas, fundamentalmente, os significados sociais que a ele se atribuem.

Com essa compreensão de corpo, Py e Scharfstein (2001) ressaltam que usufruir a maturidade é um privilégio possível a todos os corpos vivos, na singularidade que marca os seres humanos, singularidade íntima que se entrecruza com as peculiaridades de gênero, classe social e etnia, dentre outras. Homens e mulheres avançam no tempo de modos diversos. A longevidade, acenada como uma dádiva democrática destes tempos, a rigor, oferece-se no

social – de forma desigual e discriminatória. Isso toca a todos, seres humanos e sociais, em nossos corpos envelhecendo.

## REFLEXÕES FINAIS

Para sumarizar esse escrito, ressaltamos que corpo e sexualidade se entrecruzam no processo de envelhecimento feminino. Essa articulação ocorre num determinado contexto social e político que influencia o modo de ser e de viver da mulher idosa, lembrando que o mito da velhice assexuada é cultural.

Apesar de todas as limitações corporais presentes no envelhecimento, podemos estar frente à singularidade de uma mulher capaz de vivenciar um corpo com múltiplas possibilidades. Como afirmam Py e Scharfstein (2001), corpo de um sujeito mulher que constrói sua própria história pessoal, que se inscreve na história da coletividade humana, que irá adornar outros corpos, não todos os chamados, apenas os escolhidos.

## REFERÊNCIAS

- BASSIT, A.Z. Na condição de mulher: a maturidade feminina. In: PY, L. et al. (orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004. Cap. 6, p.137-159.
- BORDO, S.R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: BORDO, S.R.; JAGGAR, A.M. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p.20-37.
- BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV., 2004.
- BRIGEIRO, M.M.C. **Rir ou chorar?** Envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina. 2000. 106f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro.
- CABRAL, B.E.L. Mulher e velhice. In: MOTTA, A.B.; AZEVEDO, E.L.; GOMES, M.Q. de C. (orgs.). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005, p.53-62.
- CAMPOS, A.P.M.de. Envelhecimento feminino: bicho de sete cabeças? In: FALCÃO, D.V. da S.; DIAS, C.M. de S.B. (org.). **Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006. Cap.1, p.17.33.
- DEBERT, G.G. Envelhecimento e representação da velhice. **Ciência Hoje**, n.8, p.90-68, 1988.
- FERREIRA, M.L.M. O retrato de si. In: LEAL, O.F. (org.). **Corpo e significado**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995, p.221-232.
- FERRIGNO, J.C. A sexualidade dos mais velhos. **Intercâmbio**, v.3, n.1, p.5-16, 1998.
- FRAIMAN, A.P. **Sexo e afeto na terceira idade**. São Paulo: Ed. Gente, 1994.
- GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. Cap.2, p.28-52.
- GOLDFARB, D.C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GULLETE, M.M. **Declining to decline: cultural combat and the politics of the midfile**. USA: University Press of Virginia, 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000**. Brasília, DF. Rede Interagencial de Informações para a Saúde, 2001.

- MOTTA, A.B. da. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, C.E. (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2004. Cap. 5, p.109-142.
- MOTTA, A.B. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, M.C. de S.; COIMBRA JÚNIOR, C.E.A. (orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. Cap.2, p.37-50.
- NATANSOHN, L.G. O corpo feminino como objeto médico e mediático. **Estudos Feministas**, v.13, n.2, p. 287-299, 2005.
- NEGREIROS, T.C. de G.M. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **ALCEU**, v.5, n.9, p.77-86, 2004.
- PY, L.; SCHARFSTEIN, E.A. Caminhos da maturidade: representações do corpo, vivências dos afetos e caminhos da finitude. In: NERI, A. **Maturidade e velhice**: trajetórias individuais e socioculturais. Campinas: Papyrus, 2001. Cap.5, p.117-150.
- RODRIGUES, J.C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1986.
- SATHLER, J. Pensando perdas e aquisições no processo de envelhecer. In: SBBG-RJ. **Caminhos do envelhecer**. Rio de Janeiro: Revinter, 1994, p.15-17.
- TRENCH, B. Saúde da mulher: In: LITIVOC, J.; BRITO, C. de. **Envelhecimento**: prevenção e promoção da saúde. São Paulo: Atheneu, 2004. Cap.13, p.189-202.
- VASCONCELOS, D. et al. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. **Estudos de Psicologia**, v.9, n.3, p.413-418, 2004.
- VITELLO, N. O exercício da sexualidade em fins do século XX. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.7, n.1, p.15-23, 1996.
- WALTZ, T. Cronos, dirty old men, sexy seniors: representations of the sexuality of older persons. **Journal of Aging and Identity**, v.7, n.2, p.99-112, 2002.